

MANTO DE PALAVRAS ENVOLVENDO A DOR CHAMADA ABUSO SEXUAL

Faço um convite a você leitor: experimentar a sensação de cobrir-se com esse manto.

(....) Agora a dor se torna uma convivência cósmica de todas as dores que estão no fundo da existência.

É fácil alguém perguntar-se por que os deuses ou Deus criaram o sofrimento. O sofrimento tem de existir para o mundo vivenciar a si mesmo em sua beleza. O fato de termos olhos – vou expressar-me de forma popular – provém da circunstância de, por assim dizer, ter sido escavado num organismo ainda indiferenciado algo que conduziu à capacidade visual e, depois, foi modificado para o olho. Se ainda hoje pudéssemos perceber os pequenos processos insignificantes que se passam em nossa retina quando enxergamos, perceberíamos que mesmo isso é uma dor subjacente à existência. No fundo do sofrimento é que jaz toda beleza. A beleza só pode evoluir da dor. Essa dor, esse sofrimento, é preciso poder senti-lo. Nós só podemos acostumar-nos realmente ao mundo suprassensível passando pela dor. (....)

Trecho de palestra de Rudolf Steiner em Oxford, 20 de agosto de 1922 (GA 214), oitava conferência, citado no livro da Dra. Gudrun Burkhard: *Os fundamentos antroposóficos para a pesquisa do Carma* (ed antroposófica), no capítulo II

Agora a dor se torna uma convivência cósmica de todas as dores que estão no fundo da existência. O sofrimento tem de existir para o mundo vivenciar a si mesmo em sua beleza. No fundo do sofrimento é que jaz toda beleza. A beleza só pode evoluir da dor. Essa dor, esse sofrimento, é preciso poder senti-lo. Nós só podemos acostumar-nos realmente ao mundo suprassensível passando pela dor.

A sensação diante dessas palavras pode nos levar a um lugar dentro de nós que facilita a observação dos fatos em torno de um

abuso sexual, sem véus. Experimente trazer à imaginação uma pessoa que você sabe ter sido abusada sexualmente e leia essas frases diante do semblante dela. É possível que você amplie ao mesmo tempo a compaixão e a admiração; é possível que sinta despertar em você amorosidade e coragem.

O sofrimento tem de existir para o mundo vivenciar a si mesmo em sua beleza.

Esse é o fim, a conclusão a que cheguei desde que comecei a mergulhar no tema, em suas variações e ampliações na minha biografia, em biografias de pessoas próximas, nas estatísticas, nos relatos de casos na Associação Comunitária Monte Azul onde trabalho há 11 anos. Olho à luz da antroposofia, e especificamente à luz do relevante curso que fiz, “Adição

e Liberdade”, na Associação Sagres de 2010 a 2012, com Jaap Van der Haar e Jessica Westerkamp (da Holanda).

Vivenciando em paralelo outros fatos marcantes, passei a compreender a potência oculta na dor. Experimente retornar em imaginação a um momento de sua vida muito dolorido, e então, tentar lembrar qual seu principal anseio naquele momento. Provavelmente o que você mais queria era algo muito essencial da vida! Algo que ultrapassa a própria vida, o espírito.

Podemos entender os genitais como a expressão mais material da sexualidade, mais terrena. Concretamente são os principais veículos para a satisfação do desejo sexual. O desejo sexual humano pode elevar um casal às esferas sutis e mais elevadas do amor, e ao sagrado fenômeno de gerar uma nova vida. Nas mucosas experimentamos a maior intimidade no nosso próprio corpo, onde temos uma sensibilidade especial.

O desejo sexual leva uma pessoa a entrar na intimidade da outra, desnudando-a completamente. No abuso, acontece uma violação sem consentimento, sem entrega, numa relação de dominação do mais inocente ou mais fraco pelo mais forte, gerando uma sensação de exposição da intimidade que permanece. A partir do que tenho compreendido, na minha imaginação, o abusado se sente como se vivesse sem a pele que o separa do mundo.

Ainda que o ato físico não aconteça, o desejo sexual do adulto sobre uma criança marca sua alma definitivamente. Esse ponto de vista aponta a vulnerabilidade natural à qual estão expostas as crianças em relação ao abuso sexual, uma vez que não há meios de controlar os desejos dos adultos em torno delas. E também pode nos lavar a dar muito valor a todas as tentativas de proteção com a quais podemos cobrir as crianças.

Alguém pode indagar porque hoje em dia o abuso se tornou um problema; afinal em toda história da humanidade encontramos inúmeras sociedades organizadas de tal forma em que algumas práticas sexuais vistas aos olhos de hoje seriam consideradas abuso por ocorrerem sem o consentimento de ambos ou envolvendo crianças, que não podem consentir por não serem conscientes.

Para compreender isso, é preciso percorrer um complexo pensamento em torno dos ciclos de evolução humana. No meio antropológico nos referíamos ao momento atual como “era da consciência”. Aqui importa é que nesses tempos, somos mais e mais conscientes de tudo o que ocorre conosco, dentro de nós, no nosso entorno. Adquirimos lentes para ver nossa intimidade e agora podemos enxergá-la violada. Podemos voltar o olhar para nossa própria intimidade, como também nos reconhecermos na intimidade violada de crianças aos nossos cuidados ou ao nosso redor.

No fundo do sofrimento é que jaz toda beleza. A beleza só pode evoluir da dor. Essa dor, esse sofrimento, é preciso poder senti-lo. Nós só podemos acostumar-nos realmente ao mundo suprassensível passando pela dor. (....)

Assim, o abuso sexual, hoje visto como uma atrocidade, teve sua origem na trajetória de humanidade. Mas antes não gerava o medo e a vergonha como hoje. Era naturalmente absorvido pela vida, que também, não exigia tanto da individualidade como hoje.

É sabido que atualmente a grande maioria dos abusos são contra crianças, meninas, ocorrem dentro de casa, sendo o abusador na maior parte das vezes o próprio pai e muitas vezes pessoas da confiança dos pais. O ambiente e o apelo afetivo construídos pelo abusador geralmente fazem com que a criança pequena inocentemente repita sua exposição ao perigo, colocando-se novamente na mesma situação; o abusador leva a criança a gostar do encontro como se fosse uma brincadeira e ao mesmo tempo fazendo-

-a sentir-se culpada por estar fazendo algo de que tenha de se envergonhar, algo errado. Cria-se uma tensão em torno de um segredo, acarretando solidão e medo. Essa artimanha vitimiza a criança de várias maneiras diferentes. Conforme se avança na idade, obviamente a criança ou adolescente abusado tem maior consciência do que está acontecendo, gerando ódio. A culpa e a vergonha se fazem presente na maior parte dos casos, impedindo a denúncia e portanto o rompimento do ciclo. Muitas vezes a violência física do abusador ou simplesmente a ameaça de violência, cria uma enorme barreira para denúncia, tanto por parte do abusado quanto de pessoas próximas a ele. Podemos imaginar as consequências de tudo isso para a vida de todos os envolvidos.

No curso da nossa trajetória de humanidade, devido à maior consciência, adquirimos também mais capacidade de sentir dor, de vencer dor, de compreender, de modelar, de transformar a dor.

HÁ SENTIDO NISSO?

O trecho da palestra de Rudolf Steiner citado acima, aponta um sentido nisso:

“O fato de termos olhos – vou expressar-me de forma popular – provém da circunstância de, por assim dizer, ter sido escavado num organismo ainda indiferenciado algo que conduziu à capacidade visual e, depois, foi modificado para o olho. Se ainda hoje pudéssemos perceber os pequenos processos insignificantes que se passam em nossa retina quando enxergamos, perceberíamos que mesmo isso é uma dor subjacente à existência.”

A iniciação aos mistérios antigos sempre envolveu riscos trazendo o medo da morte. Os traumas podem ser entendidos como portas de iniciação no mundo moderno. Nas antigas escolas de mistérios, muitos aspirantes se submetiam às provas e nelas se perdiam em loucura o que era chamado “não voltar”. Hoje, os abusados podem seguir acumulando perdas e nunca alcançarem a cura, ou seja, nunca mudarem de papel. Perdem o respeito, a confiança no outro, o sentido do Eu, a capacidade de colocar limites.

Antigamente, quando venciam as provas, os então iniciados adquiriam novas capacidades espirituais e celebravam. Hoje, muitos traumas nos fortalecem, e não os consideramos como iniciações. Os abusados, quando conseguem se integrar novamente, quando lutam conscientemente para reparar os danos acumulados, podem adquirir a capacidade de expandir o corpo etérico e sentir o que o outro sente, pensa, quer. O que foi uma perda – o deslocamento do corpo etérico por um trauma – passa a ser uma capacidade. Podem se tornar bons terapeutas, sentem a dor do mundo, têm relação com o mundo espiritual e lutam pelos direitos humanos. Podem colocar limites amorosamente, têm boa intuição, tem o eu presente e podem olhar a face do mal.¹

1 trecho inspirado em anotações de uma palestra de Jessica Westerkamp no curso já citado, com algumas frases literalmente copiadas.

O ENCONTRO COM O PROFESSOR:

Um educador que tem à sua frente todos os dias uma criança com os sinais do abuso, tem a chance de ajudá-la. Ele tem vínculo com ela e não está envolvido na trama cármica e emocional de sua família. Em muitos relatos de casos ocorridos na Associação Comunitária Monte Azul o professor se mostrou amedrontado e sofrendo na impotência, e muitas vezes com razões verdadeiras para temer reações violentas do abusador contra si, contra os familiares da criança e contra a criança. O professor ama seu aluno e sente necessidade de ajudá-lo a libertar-se.

As tendências de nossa época incluem expor cada ser humano contemporâneo às dores do mundo, como explica o trecho da palestra já citado: "(...) *Agora a dor se torna uma convivência cósmica*

de todas as dores que estão no fundo da existência." Isso nos une na dor, quer queiramos ou não. A dor é minha, é sua, é da criança abusada, é da mãe que sabe mas não conseguiu ainda mover-se. Quando um ciclo de abuso é interrompido, todos nos libertamos! Até mesmo o abusador pode se beneficiar na interrupção de um ciclo de abuso. É fácil pensarmos assim. Uma analogia para ajudar a pensarmos assim: quando uma manifestação (que consideramos justa) nas ruas alcança vitória, todos nos sentimos um pouco vencedores, nos fortalecemos nos nossos ideais.

Na virada do século, para lidar com as forças adversas, uma comunidade precisa estar mobilizada, formando um cálice onde as forças superiores possam enviar suas mais elevadas intenções de amor. Uma pessoa sensata, nos dias de hoje, que sabe de um ciclo de abuso não vai se satisfazer "devolvendo na mesma moeda" violentando o abusador! Queremos ser melhores que isso. Podemos ser melhores: no meio antropológico sabemos da força que criamos quando formamos comunidade, e sabemos que essa força facilita nossas intuições, indicando caminhos; essa força tem o misterioso poder de nos fortalecer e também às outras pessoas que estão diretamente envolvidas no ciclo do abuso que queremos interromper (familiares da criança); sabemos portanto qual é a nossa tarefa atual diante desse desafio que é o abuso sexual infantil: alcançarmos a força da comunidade.

Numa escola os educadores já estão lá, mas muitas vezes ainda não constituem uma comunidade. Esse é um assunto vasto também. O que importa aqui neste contexto é que o professor deve saber que precisa de mais pessoas para lidar com a situação de abuso sexual de um aluno seu. Pessoas em quem o professor precisa confiar e diante de quem ele seja humilde para pedir ajuda, declarando sua necessidade pessoal de fazer algo. O abuso estará então, sendo o motivo do encontro entre professores, entre professores e profissionais da saúde, entre professores e a família, podendo despertar a força da comunidade se todas essas pessoas

assumirem sua responsabilidade com humildade uns diante dos outros, diante de uma causa comum.

Nas escolas, tem sido falado em encaminhamentos para órgãos e profissionais especializados, tanto para denunciar o abusador, quanto para tratar da criança e seus familiares. Isso é um importante avanço na nossa ordem social.

Há uma atitude amorosa que podemos desenvolver para conosco e nossas dores, para com a criança abusada aos nossos cuidados, para com os familiares desta criança. É a aceitação desse sofrimento como parte do nosso caminho, com a confiança de que ele nos levará adiante no cultivo da beleza. É também uma gratidão profunda por todas essas pessoas que nos conectam com nossa dor e consequentemente com nossos desejos essenciais da vida (o espírito).

Com essa atitude em cada momento de encontro com a criança já estamos intervindo na realidade dela, não institucionalmente, mas humanamente. Não dependemos de estrutura social nem institucional para nos dedicarmos amorosamente a quem está sofrendo. Há momentos em que enxergaremos essa atitude como única possibilidade de ajudar, e devemos saber que não é pouco.

Tomar contato com a dor e não fugir da dor é também aproximar-nos uns dos outros na nossa humanidade. É avançar no caminho de revelação da beleza intrínseca na dor. Eu a nomeio amor.

Manto de palavras envolvendo a dor gerando amor

assim sou, Raquel Martins Calcina

(Gostaria ainda de anunciar e recomendar a pais e professores a segunda turma do curso Adicção e Liberdade com Jaap van der Haar e Jessica Westerkamp. Local: Centro Paulus, São Paulo, de 24 a 26 de outubro de 2014. Contatos: anne_m_lima@hotmail.com ou Karla: cfn@gmail.com)